

PENSANDO UMA GEOGRAFIA DO PLANEJAMENTO

- ¹ CRUZ, Francilene do Santos
- ² SOUZA, Sebastião Perez
- ³ LACORTT, Marcelo
- ⁴ OLIVEIRA, Ana Maria Libório de
- ⁵ LIMA, Wendell Teles de
- ⁶ CORDEIRO, Maria Eulina Araujo
- ⁷ SABINO, Artemizia Rodrigues

Resumo: A geografia é desde sua composição relacionada ao poder, no início era dos comerciantes e do Estados Territoriais, essa evidência foi escondida da ciência ao seu desenvolvimento, no entanto, várias geografia foram se desenvolvendo ao longo da sua trajetória, como a geografia quantitativa para o mundo teórica, esse tipo de pensamento baseava-se no planejamento como a Escola Francesa que foi conhecida como geografia Ativa, no entanto, não deixa de ter o poder nomeio, apesar de intitular neutra nos anos 1950 e ser uma alternativa a geografia regional, vários foram seu expoentes caracterizando a identificação do espaço, e matematização com os chamados “modelos” e com computadorização, ou seja, o espaço era dos fluxos das empresas e do Estado, eram para alguns espaço apático das relações sociais e das desigualdades, não podemos esquecer que ela e é uma das geografias para o entendimento do espaço.

¹ Doutoranda no Programa de Pós Graduação Sociedade e Cultura na Amazônia da Universidade Federal do Amazonas - UFAM. Mestra em Engenharia de Processos pela Universidade Federal do Pará /UFPA (2016), Especialista em Educação Matemática pela Universidade do Estado do Amazonas e Licenciada em Matemática pela Universidade do Estado do Amazonas, atualmente é Docente do Curso de Matemática no Centro de Estudos Superiores de Tabatinga - UEA atuando na sub área de Álgebra e Geometria, assim como em áreas do Ensino de Matemática e desenvolvendo atividades voltados para o ensino e aprendizagem de Matemática através de intervenções e pesquisas voltadas as linhas de Etnomatemática e Geopolítica na Amazônia, além de atuar em pesquisas sobre a formação de professores. Atuou como Coordenadora do Curso de Matemática no período de 2014 e 2015.

² Professor do Secretária da Educação do Amazonas (SEDUC/AM), esp. em Libras.

³ Possui graduação em Matemática pela Universidade de Passo Fundo (2008); Mestrado em Engenharia pela Universidade de Passo Fundo (2011). É professor de matemática do Instituto Federal Sul-riograndense - Campus Passo Fundo (RS)

⁴ Doutoranda em Ciências da Educação, especialidade Educação Matemática pela Universidade do Minho em Portugal, Mestra em Estudos Amazônicos pela Universidade Nacional de Colômbia - UNAL/CO (2010).

⁵ Pós doutorando em Geografia pela Universidade Federal do Rio Grande do Norte (UFRN), doutor em geografia, mestre em Geografia, esp. Turismo e Gestão do Território, Bacharel em Geografia, graduado em Geografia, editor da revista eletrônica Geopolítica Transfronteira, professor da pós graduação Relações Internacionais e Geopolítica da Pan Amazônica, líder do grupo de pesquisa Estudo Geográfico (GPEG).

⁶ Doutorando em pela UEA em Educação em Matemática, Mestre em Ciência e Meio Ambiente na Universidade Federal do Pará - UFPA (2017) possui graduação em Licenciatura Plena em Matemática pela Universidade do Estado do Amazonas (2006).

⁷ Doutoranda no Programa de Pós-Graduação em Ciências do Ambiente e Sustentabilidade na Amazônia pela UFAM. Mestre em Engenharia de Processos pela Universidade Federal do Pará, Especialista em Educação Matemática e Licenciada em Matemática pela Universidade do Estado do Amazonas.

Palavras-chave: Matemática, Consciência Social, Espaço

Abstract: Geography is since its composition related to power, in the beginning it was the traders and the Territorial States, this evidence was hidden from science to its development, however, several geography have been developed along its trajectory, such as quantitative geography for the theoretical world, this type of thinking was based on planning as a French School that was known as Active Geography, however, it still has the power to name it, despite being neutral in the 1950s and an alternative to regional geography , several were its exponents characterizing the identification of space, and mathematization with the so-called "models" and with computerization, that is, the space was the flow of companies and the State, they were for some apathetic space of social relations and inequalities, not we can forget that it is one of the geographies for understanding space.

Keyword: Mathematics, Social Consciousness, Space

INTRODUÇÃO

Tendo em vista, que a formação da geografia começou em duas vertentes uma descritiva com Heródoto (pai da História) e Pitágoras que era denominada no pensamento geográfico conforme Andrade (2006) uma geografia matemática, ela estuda as formas da terra, mensurava sua medias.

Até hoje, se faz presente uma geografia pitagórica, onde, a representação maior é dada pela cartografia, e geotecnologias, sendo essa muito evita de forma geral pelos professores, assim denominada de geografia quantitativa no Brasil, no mundo geografia teorética também conhecida como geografia matemática.

Claro com ascensão mundanizada, da geografia crítica, essa geografia e outras como a geografia cultural, geografia da concepção e outras foram eclipsadas em o torno desse movimento, não é, que elas foram menos importante, no entanto, elas nunca deixaram de existir, ficaram a margem dessa hegemonia geografia.

Para Souza, Lacortt, Lima (2021)

Para Santos (1993), a superação do mundo positivista, ou seja, do pensamento tradicional foi fundamental para exceder as regras preestabelecidas. As ideias de subordinação das teorias são presentes em toda sociedade. Ao mesmo tempo, temos a urbanização da sociedade que reflete na vida direta das pessoas. (Souza; Lacortt; Lima, p. 5, 2021)

Uma geografia a do poder, no entanto, essa denominação, foi um marco para essa ciência, a reação do poder e espaço. Sempre foi uma constante geográfica, apesar dessa ciência, buscou ser naturalizante, ao mesmo procurou ser apolítica, este esforço segundo Moraes (2005) partiu da escola francesa, na realidade segundo Santiago (2013) estava-se tratando de uma luta geopolítica, entre os Estado ou da dominação mundo,

A organização geográfica da sociedade se modifica em virtude dos acontecimentos políticos (estratégicos), econômicos, sociais e culturais que apontam para “outra” ordem mundial calcada numa nova hegemonia internacional do capital³ Ocorre a divisão do mundo entre as superpotências – EUA e URSS – e se acelera a corrida para o controle do espaço. (Azevedo/ Barbosa, p. 2, 2011)

Tendo em vista os anos de 1950 a geografia aparece, no planejamento do Estado e das firmas para entender o espaço, tendo em vista as localidades e melhor situação para as firmas, na França ela era denominada de Geografia Ativa.

O poder apesar dessa disciplina procurar se recusar visto por Foucault (1977) e por alguns geógrafos como Raffestin (1993) é uma constante na geografia, neste sentido, vemos as turras com as Relações Internacionais que envolver o poder mundial, no entanto, alguns geógrafos viram o nariz para essa abordagem, esse vácuo é preenchido por cientista sociais, e internacionalista, sociólogos, politólogo que tentam preencher o papel de geógrafos.

Sobre o poder Foucaultt fala

Foucault trata principalmente do tema poder, que para ele não está localizado em uma instituição, e nem tampouco como algo que se cede, por contratos jurídicos ou políticos. O poder em Foucault reprime, mas também produz efeitos de saber e verdade. (Ferreirinha; Raitz,,359,,2010)

Sobre o poder alguns geógrafos se desossaram sobre ele como Rafesttin

O texto perfaz uma abordagem crítica à Geografia política clássica, a dita Geografia do Estado, e assume uma postura de que o poder exercido no espaço/território adquire uma perspectiva relacional, multidimensional e interescalar. Além disso, traz um corpo conceitual com vários esquemas escritos em rascunhos e tipos ideais que nos auxiliam na compreensão do quadro ou sistema de relações no qual o poder é exercido, destacando os atores, os recursos, os trunfos e campos do poder, o território e as territorialidades, os sistemas territoriais e as redes. Para apoiar sua tese sobre as relações de poder definidoras dos territórios o autor dialoga com obras de filósofos, historiadores e geógrafos renomados como Henri Lefévre, Michel Foucault, Jacques Attali, Jean Gottmann, Edward Soja, entre outros. (Fuin, 162, 2015)

Sendo o poder elemento essencial da geografia, por mais que houve a “cientifização da ciência” com a geografia quantitativa.

Acusação dessa disciplina como era escondida, era uma ciência que não se preocupava Moreira (1983) falava as máscaras sociais, portanto, o “problema” girava em torno das desigualdades sociais, que a geografia quantitativa mascara e escondia da sociedade.

Uma das estratégias para utilizar-se e esconder era os modelos no espaço, sendo muitas vezes utilizado em modelos computadorizados conforme Andrade (2006) outra forma de interpretar o espaço era chamada planície isotrópica conforme Côrrea (1990), que mascara desigualdades e se preocupava com o distanciamento ou melhor localização interverei no espaço na localização das firmas, aqui lembramos da ideia de ótimo de Pareto, algumas ideias nessa perspectiva surgiram com o geógrafo Crisaller *apud* Côrrea (1990) na Inglaterra com a ideia de lugares centrais, sendo a concepção trabalhada por vários teóricos.

Tendo em vista o espaço como homogêneo, muitas questões foram levadas pela geografia quantitavista, é importante salientar, que a geografia tradicional, nos anos 1950 não trouxeram essas questões espaciais.

Quando localizamos um ponto ou lugar na superfície terrestre por um sistema de coordenadas convencional, estamos delimitando a localização absoluta do mesmo. Essa noção absoluta que surge com os gregos não leva em conta as relações temporais. E é este tipo de localização absoluta que a Geografia utilizou desde os gregos até a década de 1950 (FERREIRA; SIMÕES, 1986, p. 17). Como a Geografia Tradicional deixava a desejar em teorias elaboradas, a chamada Nova Geografia, com o intuito de suprir as necessidades contemporâneas capitalistas, estimulou, após a Segunda Guerra Mundial, a produção de teorias relacionadas com as características da distribuição e arranjos espaciais dos fenômenos (CHRISTOFOLETTI (1982, p. 17). (Fajardo p, 162, 2010)

Apesar das críticas em torno dessa geografia, relacionava olhar astuto de geografia quantitativa, era falta do espaço baseado nas teorias de Karl Marx, ou seja sua ausência.

METODOLOGIA

A pesquisa foi de cunho bibliográfico, sendo procurado com temática artigos de periódicos, livros e o entendimento do que vem a ser geografia em sua formação no século XIX e até os dias de hoje.

Este fato trouxe um sobrevida a geografia quantitativa, fortalecendo esse ramo de geografia, ou seja, essa disciplina era viúva do espaço assim constitui a análise do espaço e sua crítica nos anos 1970.

Harvey atribuiu as carências dessa primeira versão a uma compreensão insuficiente da teoria marxiana. para sanar esse déficit procurou se posicionar no debate, então aceso por conta de argumentações marcadamente contraditórias sobre o sentido da interpretação e a necessária atualização da obra de marx. concentrou seus esforços – numa época em que ainda ressoavam as polêmicas em torno do significado dos textos de juventude de marx – nos livros e manuscritos posteriores a 1850, um conjunto que roman rosdolsky denominou de “crítica da economia política” (Musse p. 55, 2014)

Apesar dias tratativas da ciência geográfica, não conseguiu entender o espaço, a geografia com seus movimento de renovação, foram uma tentativa de

analisar o espaço, portanto, a geografia qualitativa demonstra um entendimento do espaço geográfico.

Num período em que a ciência questiona seu estatuto epistemológico moderno, uma das questões que se coloca enquanto fruto desse movimento é um resgate da história da ciência – no presente caso, um resgate da história da geografia (física).durante muito tempo vista enquanto um subcampo estéril, a geografia física se mostra efervescente e frutífera quanto a alguns debates epistemológicos.

Partindo de uma das dimensões do espaço geográfico – a natureza –, uma Geografia Física “integradora” tem sido tendência vista com relativa repercussão na Geografia, principalmente a partir da apropriação da chamada “questão ambiental”. No entanto, essas propostas teóricas podem ter sua origem em períodos anteriores, sofrendo transformações de acordo com as tendências metodológicas hegemônicas no campo científico a cada momento histórico. É o caso da contribuição da abordagem sistêmica, evidenciada a partir da “Geografia Teorético-Quantitativa”. (Armond, p.2, 2011)

Tendo em vista, que geografia quantitativa, demonstrou alguns problemas na ciência dos complexos, sendo assim, a questão ambiental começou a ser pensada nesse temário, algo que não foi feita na geografia crítica.

A intenção é propiciar alguma reflexão sobre o papel da geografia quantitativa no pensamento geográfico brasileiro com base em contribuições no campo da filosofia, sociologia e geografia do conhecimento. A pretensão é fazê-lo por meio da sugestão de algumas possíveis questões que auxiliem na compreensão ou na análise dessa crucial fase do pensamento geográfico nacional.(Lamego, p. 1, s//d)

Tendo em vista acusam esse ramo da disciplina não foi diferente no Brasil, sendo a constituição da disciplina composta em sua formação por franceses, foi acusada de ser uma geografia escamoteada.

Apesar de a última concepção configurar-se como uma praxe bastante racional, essa ainda não foi absorvida plenamente, e/ou de forma pacífica, nem pelas ciências da Terra, da Natureza,

Exatas e Tecnológicas, tão pouco no contexto das ciências Humanas e Sociais.

Tal fato relaciona-se, ao menos, a duas justificativas: 1. Buscar-se empregar de forma irrestrita e, por vezes, impositiva, as metodologias e ferramentas quantitativas (matemático-estatísticas); 2. A tentativa de supremacia de um ramo (Qualitativo ou Quantitativo) sobre outro, e suas consequências à respectiva ciência (GUEDES, 2013, p.158).

Como consequência desta visão restritiva, surgiram inúmeras argumentações favoráveis ao emprego, exclusivo, de um dos dois ramos. (Silva; Nóbrega, p. 3, 2018)

Tendo em vista o surgimento desse ramo, de cientificação da ciência, a geografia representa na atualidade entre elas, até hoje se procura qual é melhor forma de entendimento do espaço.

Essa busca de compreender o espalho, remete a filosofia na busca do entendimento do homem em sua organização na face da terra, portanto, surge o novo rumo na busca de uma nova interpretação do espaço.

As concepções de espaço concebidas durante a filosofia e ciência gregas na antiguidade serviram como referência para as teorias de espaço até o século XIV. A concepção de espaço para Aristóteles, por exemplo, está associada à posição de um corpo em relação aos outros, não sendo especificamente uma matéria ou forma. Ou seja, trata-se da área ocupada pelo corpo, seu contorno externo e o contorno do corpo maior onde ele está contido (CHAUÍ, 2002). Compreende-se, nessa afirmação, que Aristóteles não pensa o espaço como vazio e homogêneo, características que se tornarão mais evidentes no pensamento científico moderno (Teixeira p.2, 2015)

O certo, que a geografia quantitativa, continua viva, ela é uma das geografias que constitui o temário do espaço, e é uma forma de poder sobre o mesmo.

Considerações Finais

A geografia matemática, ou geografia quantitativa começou a se desenvolver, no anos 1950, surgida como uma crítica a geografia crítica ou

marxista, que dominou a disciplina nos anos de 1970, esse ramos de geografia eclipsou as demais geografias.

A primeira foi feita de forma crítica, tendo Marx seu inspirador, ele não conseguiu trazer o espaço para sua análise, seria a ciência geográfica sem espaço e as campo de forças.

Se abateu a crítica também a geografia quantitativista, sendo ela uma ramos que mascarava a desigualdades sociais, ou seja, o que geografia tradicional tentou escamotear esse ramo de geografia apesar de ser intitulado com um nova geografia escondeu no espaço.

Tentou-se ser uma geografia do planejamento do Estado e das empresas, sendo que aos fluxos ganham importância no entendimento do espaço. Sendo assim, chegamos no dilema, qual é a melhor geografia para o mundo?

Mas a grafia critica com o passar do tempo, trouxe de volta inúmeras geografias, não apenas quantitativa, portanto, ficando para o pesquisador escolher qual é melhor formar de compreender espaço.

BIBLIOGRAFIA

ANDRADE, Manuel Correia de. **Geografia: ciência da sociedade**. Recife: Ed. Universitária da UFPE, 2006.

ARMOND, Núbia. A Geografia Teorético - Quantitativa e a Teoria dos Geossistemas: por uma Geografia Física integradora. Conference: **XIV SBGFA - Simpósio Brasileiro de Geografia Física Aplicada**, UFGD - Dourados – MS, Volume: 1, July 2011

AZEVEDO, José Roberto Nunes de; BARBOSA, Tulio. A GEOGRAFIA QUANTITATIVA: ensaios. **Espaço em Revista**, vol. 13 n. 2 jul/dez. 2011.

CORRÊA, Roberto Lobato. **Região e Organização Espacial**. Editora Ática, 1990.

FAJARDO, Sergio, A questão locacional e a Nova Geografia. **Ambiência Guarapuava**, PR v. 6 n. 1 p.161 - 168 Jan./Abr. 2010

FERREIRINHA, Isabella Maria Nunes; RAITZ, Tânia Regina. As relações de poder em Michel Foucault: reflexões teóricas. **rap** — Rio de Janeiro 44(2):367-83, MAR./ABR. 2010

FOUCAULT, Michel; RAMALHETE, Raquel. Vigiar e punir: nascimento da prisão. Petrópolis: Vozes, 1977.

LAMEGO,, É a geografia quantitativa brasileira maldita, afinal? Proposições para uma análise.
<http://observatoriogeograficoamericalatina.org.mx/egal12/Teoriaymetodo/Pensamientogeografico/14.pdf>

MORAES, Antônio Carlos Robert. **Geografia pequena histórica crítica**. 20ª Ed. São Paulo: Annablume, 2005.

MOREIRA, Ruy. **O que é geografia**, editora brasiliense, 1983.

MUSSE, Ricardo. DAVID HARVEY: PARA ALÉM DE UMA GEOGRAFIA DO CAPITAL. **ideologia&antropologia** , Rio de janeiro, v.04.01: 55 – 69, junho, 2014

RAFFESTIN, Claude. **Por uma Geografia do Poder**. São Paulo: Editora Ática, 1993.

SANTIAGO, João Pelippe. **Espaço geográfico e geografia do Estado em Friedrich Ratzel**. Ed. UESB, Vitória da Conquista, 2013.

SANTOS, Milton. **A urbanização brasileira**. São Paulo: Hucitec, 1993.

SILVA, Bruno Claytton Oliveira da; NÓBREGA, Ranyére Silva. GEOGRAFIA QUANTITATIVA, POR QUÊ NÃO?. **Revista Vozes dos Vales** – UFVJM – MG – Brasil – Nº 14 – Ano VII – 10/2018

SOUZA, Sebastião Perez; LACORTT, Marcelo; LIMA, Wendell Teles de. GEOPOLITICA E RELAÇÃO INTERNACIONAIS TRANSFRONTEIRIÇA. **Revista Geopolítica Transfronteiriça**, v. 1, nº 1, 2021.

TEIXEIRA, Alexandre José Almeida. ESPAÇO E NATUREZA: QUESTÕES E DESAFIOS PARA A GEOGRAFIA. KHÓRA, **REVISTA TRANSDISCIPLINAR**, V. 2, N. 2, MAIO 2015